

A Bolsa do Grou

*Rússia*

Há muito tempo, em uma região nórdica muito fria, uma velha e um velho moravam em uma cabana em ruínas nos arredores de uma aldeia. Eles eram muito pobres e não tinham mais força para cultivar o pequeno pedaço de terra, ao redor de sua casa e, por isso, estavam começando a duvidar que conseguiriam sobreviver ao inverno seguinte.

Mas aconteceu que o velho encontrou um pequeno saco de cevada na estrada, que aparentemente havia caído de uma das carroças que iam para a cidade. Depois de mostrar à esposa o precioso presente do céu, os dois começaram a plantar as sementes, aos poucos, com muito cuidado e conforme suas forças permitiam.

Talvez, aquela futura colheita de cevada evitasse que eles morressem de fome no inverno.

A cevada cresceu lentamente para alívio do casal de idosos, que não ousava imaginar a colheita no final do verão, com medo de que o mau tempo estragasse suas esperanças.

Mas, vejam só, um dia, pouco antes do fim do verão, a velha viu pela janela de sua cabana um enorme grou comendo os grãos de cevada e, o que era pior, esmagando os talos dos cereais com suas garras.

A mulher, sem avisar o marido, correu até a porta da cabana e foi em direção ao grou com a intenção de espantá-lo e impedir que se aproximasse novamente do campo. Mas, para sua surpresa, o grou não se assustou, mesmo com ela gritando em sua direção. Quando ela chegou perto dele, a senhora não ousou espantá-lo.

Era um enorme grou, mais alto do que ela e parecia fitá-la com uma mistura de compaixão e gentileza.

E então, diante dos olhos dela e do marido, que agora estava na porta observando o que se passava, o grou se transformou em um belo cavalheiro, de porte elegante e rosto sorridente.

‘Ele deve ser um mago!’ Pensou a velha, que, como seu marido que estava logo atrás, não podia acreditar no que estava vendo.

‘Bom dia, minha senhora!’ Disse o grou mago com extrema gentileza. ‘Esta cevada, por acaso, pertence a você e seu marido?’

A velha não reagiu. Na verdade, ela ficou quieta e de boca aberta, então foi o marido que, aproximando-se vagarosamente com uma expressão enlouquecida, respondeu:

'Sim senhor. Esta cevada é nossa.'

‘Provei e gostei muito’, disse o grou mago. ‘Quanto você quer por sua colheita de cevada?’

‘O que quer que ... Vossa Senhoria ... queira nos dar ', a velha respondeu, quando finalmente conseguiu dizer algo.

‘Bem, por favor, siga o caminho verde que cruza o prado verdejante e lá você encontrará um grande castelo’, disse o grou mago. ‘Suba os degraus e quando o guarda vier perguntar o que você quer, diga a ele que você está procurando o grou e ele deixará você passar.’

E, depois de se despedir deles com um meneio gracioso de cabeça, ele se transformou em um grou novamente e alçou voo, voando sobre as copas das árvores até que desapareceu de vista.

O casal de idosos encarou-se com espanto, como se perguntando qual tipo de loucura os teria afligido simultaneamente.

‘Nós vimos a mesma coisa, certo?’ Disse ela.

‘Sim’, respondeu ele. ‘Pela expressão de espanto em seu rosto, você deve ter visto o mesmo que eu.’

'O que devemos fazer?'

‘Como você pode perguntar o que vamos fazer? 'Ele respondeu. ‘Vamos ver onde essa loucura nos leva. Não temos nada a perder! '

E, ao se virarem, perceberam que, mais além de seu pequeno campo de cevada, se abria um caminho verdejante, que não estava ali uma hora antes. Deram-se as mãos e começaram a caminhar para dentro da floresta. Caminharam por muito tempo entre as árvores, até que a exaustão começou a tomar conta deles.

Quando estavam prestes a desistir e esquecer toda esta loucura - ‘Quem seguiria as instruções de um grou gigante falante?’ - o caminho se abriu e a frente contemplaram um prado com aparência de seda. E lá, no meio deste imenso prado, estava um grande castelo, exatamente como o grou havia lhes dito.

Eles se dirigiram para lá, subiram os degraus e um guarda os recebeu.

‘O que vocês querem aqui, veneráveis ​​anciãos?’ Perguntou o guarda.

‘Estamos procurando o grou’, respondeu a velha sem pensar duas vezes.

O guarda os deixou entrar e apontou para uma porta e lá encontraram novamente o grou mago. Ele os recebeu e os levou para conhecer os outros cômodos do castelo, cada um mais impressionante que o outro, até que finalmente chegaram a um salão onde uma grande mesa havia sido posta, cheia de comidas e bebidas de todos os tipos.

O grou mago os convidou a comer e beber até que estivessem satisfeitos, e o casal de idosos, disposto a continuar com esta aventura tão estranha, comeu e bebeu como não fazia há muitos anos.

Quando terminaram, o mago, com um grande sorriso, disse:

‘E agora, por favor, me digam quanto querem pela sua cevada.’

O casal se entreolhou sem saber o que responder, até que, por fim, o velho respondeu humildemente:

‘Dê-nos, Sua Excelência, o que achar que é justo’.

O mago foi para outra sala e, quando voltou, carregava uma pequena bolsa de seda nas mãos.

‘Esta bolsa lhes dará comida sempre que vocês pedirem. Basta dizer: “Bolsa, dá-me comida e bebida”. Quando vocês fizerem isto, comida e bebida de todos os tipos e para todos os paladares aparecerão. Mesas e cadeiras também aparecerão com todas as guarnições necessárias para um banquete.

'E quando terminarem de comer e beber, bastam dizer:' Comida, bebida, mesa, cadeiras e guarnições, voltem para a bolsa ', e tudo vai desaparecer dentro da bolsa até a próxima vez que vocês precisarem comer.

‘E agora, peguem a bolsa, vão para casa e sejam felizes.’

A velha timidamente pegou a bolsa das mãos do mago, então o casal fez uma reverência ao seu benfeitor em agradecimento. Mas quando eles ergueram a cabeça novamente, tudo havia desaparecido, o mago, a comida, as mesas, as cadeiras, o corredor e até mesmo o guarda e o castelo.

O casal não entendeu o que havia acontecido, mas a velha olhou para as suas mãos e viu que a bolsa do grou não havia sumido com todo o resto.

Eles começaram sua jornada de volta para sua casa, mas no meio da floresta, depois de muito caminharem, sentiram fome e pensaram em colocar a bolsa à prova.

‘Pequena Bolsa ...’ disse a velha com voz trêmula, ‘dê-nos comida e bebida’.

E, assim como o grou mago havia dito, de repente eles estavam diante de uma mesa coberta com iguarias e bebidas, ladeada por duas cadeiras douradas, no meio de uma sala de um palácio. Louco de alegria, o velho casal matou a sede e saciou a fome. Então, novamente, seguiram as instruções do mago e pediram para ‘limpar a mesa’ e, quando tudo desapareceu novamente, a floresta também sumiu, e eles estavam novamente na frente da porta de sua cabana.

A partir daquele dia, o casal de idosos fazia três refeições diárias sem se preocupar com o inverno ou o futuro. A aparência do casal – que havia melhorado muito desde os tempos difíceis – e o fato de não mais trabalharem o campo, levaram os vizinhos da aldeia a suspeitar que talvez eles tivessem encontrado um tesouro e não tivessem contado para ninguém.

Este boato chegou aos ouvidos de um duque, senhor de toda a região, que imaginou que se isto fosse verdade, o tesouro devia estar nas suas mãos e não nas mãos de um velho casal de camponeses. Então, um dia, ele foi até a cabana dos velhos para dar uma investigar o que estava acontecendo. ‘

‘Bom dia, meu senhor', o velho, que estava na porta da frente tecendo uma cesta, disse em saudação ao duque.

‘Bom dia, meu velho’, respondeu o duque. ‘As pessoas falaram tão bem de vocês, que pensei em vir conhecê-los e ver como meus súditos estão vivendo’.

‘Muito bem, no que nos diz respeito, muito bem, senhor.’

‘E qual é a razão para uma vida tão boa?’ Perguntou o duque de uma forma astuta e dissimulada.

E o velho, ingenuamente, cometeu o maior erro de sua vida.

‘Fique e coma conosco, senhor, e irá entender.’

'Bem ... nós também podemos comer fora aqui', objetou o duque, olhando para a cabana um tanto apreensivo, porque ele não queria entrar em um lugar que parecia tão decadente.

‘Senhor, não tenha medo da minha casa’, disse o velho. ‘Dentro é um palácio’.

Então eles entraram na cabana e, uma vez dentro, o velho pegou a bolsa do grou e disse:

‘Bolsa, dê-nos comida e bebida.’

E o milagre aconteceu novamente, mas diante dos olhos de um homem mau como o duque, que, assim que presenciou o milagre, decidiu que a bolsa deveria ser dele.

‘Meu caro velho’, disse o duque em tom paternal quando terminaram de comer, ‘não é justo que você tenha uma mesa melhor do que a de seu mestre. Você não concorda?

Naquele momento, o velho percebeu o erro terrível que havia cometido.

‘Faremos um acordo’, continuou o duque. \_ Você me dá a bolsa e eu vou fornecer a você e sua esposa tudo o que vocês precisam: carne, cerveja e vodka, cevada, leite, manteiga e pão. E, além disso, vou enviar a vocês uma vaca e um porco de presente, bem como uma empregada e um servo para cuidar de vocês dois. E eu vou mandar meu carpinteiro para consertar esta velha cabana para você! ', Ele finalmente adicionou.

O velho não queria abrir mão da bolsa por nada no mundo, mas temia o duque.

Naquele momento sua esposa chegou de onde tinha ido lavar roupa e encontrou o duque em sua casa. O velho chamou a mulher de lado e contou o que havia acontecido. E, apesar do fato de que ela estava prestes a estrangulá-lo por sua ingenuidade, ela finalmente disse a ele:

‘Agora não podemos fazer mais nada. Se nos recusarmos a dar a bolsa, ele vai tirá-la de nós de qualquer maneira, e ficaremos sem nada. Melhor aceitar seu acordo e esperar que ele cumpra.’

E assim eles fizeram e o duque saiu da velha cabana com a bolsa de seda no bolso, sorrindo triunfante e pensando o quanto iria impressionar todos os nobres do reino.

Tudo correu bem por um tempo, até que um dia, quando os suprimentos que o duque havia enviado estavam acabando, a velha mandou a criada ao castelo do duque para pedir mais, mas o duque respondeu com raiva à jovem criada:

‘O que esses velhos querem? Eu não dei o suficiente? O que eles precisam fazer é trabalhar para ganhar a vida e comer, como todo mundo. E, se eles não podem trabalhar, deixe-os mendigar nas ruas! '

E então ele ordenou à empregada e ao outro criado que voltassem ao castelo e trouxessem a vaca e o porco com eles.

O velho caiu em profunda depressão, pois foi ele quem revelou o segredo da bolsa do grou para o duque.

‘O que vamos fazer agora?’ Disse ele entristecido à esposa. ‘Eu falhei com você e te condenei a uma vida de miséria em nossa velhice.

‘De jeito nenhum!’ Exclamou a velha enfurecida. ‘Neste momento, vou ver o mago ... o grou, ou quem quer que seja ... e vou contar a ele o que aconteceu. Talvez ele tenha pena de nós e nos dê outra bolsa.

E a velha senhora dirigiu-se à floresta, seguindo o caminho que fizera com o marido quase um ano antes, embora desta vez tivesse a sensação de que o caminho era muito mais longo. Finalmente, quando ela pensou que não seria capaz de encontrar o lugar e que suas forças não seriam capazes de levá-la de volta para sua cabana, o castelo apareceu novamente no meio de um prado de grama sedosa.

A velha subiu os degraus, o guarda a deteve em seu caminho. Ela disse a ele que estava procurando o grou, como na ocasião anterior, e o guarda a deixou entrar.

‘Minha querida senhora’, o grou mago a cumprimentou. 'Bem-vinda!'

O mago a conduziu por várias salas, cada uma mais luxuosa e magnífica que a outra, até que finalmente chegaram ao salão de banquetes, onde o anfitrião a convidou para se sentar, descansar e recarregar as baterias com um abundante suprimento de comida e bebida.

Mas a velha hesitou e o grou mago perguntou preocupado:

‘Qual é o problema, minha senhora? Aconteceu alguma coisa com seu marido?’

‘Não, nada aconteceu com ele’, respondeu ela. ‘Bem ... sim, algo aconteceu conosco ... Não temos mais a bolsa mágica que você nos deu, senhor. O duque descobriu tudo e tirou de nós.’

E, imediatamente depois, ela contou-lhe em detalhes o que havia acontecido, finalmente perguntando a ele:

‘Não poderia, senhor, nos dar outra bolsa assim, para não passarmos fome?’

‘Não, eu não posso fazer isso, minha querida’, o grou mago respondeu com profunda tristeza. ‘Não tenho mais nenhuma bolsa assim, mas posso te dar outra coisa.’

O mago voltou para a mesma sala aonde fora da vez anterior e saiu com uma bolsa maior, desta vez feita de veludo e amarrada com um cordão de seda.

‘Pegue esta bolsa e leve para casa’, disse o mago. ‘Deixe seu marido ir até o duque e dizer a ele que agora você tem uma bolsa maior e peça a ele para ir à sua cabana. E quando o duque entrar em sua cabana desamarre a bolsa e diga: “Doze heróis, saiam e deem ao duque o que ele merece!" E uma vez que o duque tenha recebido o que merece, diga, ‘Doze heróis, mantenham suas posições e não deixem ninguém entrar”. E então ele acrescentou, "por favor, lembre-se bem de minhas palavras e só então você deve dizer ao duque para devolver a outra bolsa"

A velha quis se ajoelhar para agradecer ao grou mago, mas ele a impediu.

‘Você não deve se ajoelhar diante de ninguém, minha senhora', ele disse a ela.

E a velha senhora partiu, com lágrimas de gratidão nos olhos. Ela caminhou pela floresta o resto da tarde e a noite toda. A estrada parecia muito longa para ela, mas finalmente ao nascer do sol, ela chegou à cabana, exausta, mas esperançosa.

Ela contou ao marido o que havia acontecido e mostrou a ele a nova bolsa de veludo que o mago lhe dera, e deu-lhe as instruções precisas sobre como atrair o duque para a velha cabana.

O velho fez isso, tentando a ganância do duque a tal ponto que ele imediatamente quis deixar seu castelo para ir a cabana em ruínas.

Ao chegar, ordenou ao cocheiro que esperasse na carruagem e entrou na cabana com o velho senhor.

‘Muito bem, querido amigo!’ O duque exclamou uma vez lá dentro. ‘Que tipo de maravilhas sua nova bolsa nos traz?’

‘Bem, eu não sei, meu senhor, o velho respondeu. Minha esposa e eu não sabemos muito bem, mas veremos ...

E naquele momento, a velha senhora disse:

‘Doze heróis, saiam da bolsa e deem ao duque o que ele merece!’

E doze enormes guerreiros emergiram da bolsa, agarrando o duque, colocando-o rapidamente dentro da bolsa e fechando-a com um nó com uma tira de seda.

‘E agora, doze heróis’, a mulher levantou a voz novamente, ‘mantenham sua formação e não deixem ninguém entrar!

E os guerreiros se posicionaram em duas fileiras em ambos os lados da porta, para que ninguém pudesse entrar.

‘Agora, meu senhor’, disse o velho, dirigindo-se à bolsa que sua esposa estava segurando, ‘devolva-nos a bolsa que nos pertence’.

‘Como você ousa me tratar assim?’ Gritou o duque de dentro da bolsa de veludo com uma voz esganiçada. ‘Vou fazer você ser enforcado por isso!’

Mas o velho não se deixou dominar pelo duque.

‘Senhor, você já viu do que a magia do nosso benfeitor é capaz e verá que nem todas as suas tropas serão capazes de derrotar esses doze guerreiros que nos protegem. Então, se você ainda tiver algum bom senso, concordará com nosso pedido e nos deixará em paz para sempre.’

Houve um silêncio pesado na cabana, durante o qual o duque parecia estar reconsiderando.

‘A bolsa está no meu castelo, trancada. Se você me deixar sair, irei e trarei para você.’

‘Senhor, eu vi como, antes de sair do seu castelo, você a escondeu dentro de suas vestes’, o velho revelou ao duque. ‘Dê-nos a bolsa de volta e nos deixe em paz ... ou nossos guerreiros irão tirá-la de você à força.’

Por fim, o duque teve que ceder, então eles o deixaram sair da bolsa de veludo e, mal-humorado, lhes entregou a bolsa de seda. Então ele tentou sair da cabana, mas os imensos guerreiros o impediram.

‘Mais uma coisa, meu senhor’, o velho senhor disse a ele. ‘De agora em diante, e levando em consideração nosso pequeno exército de guerreiros, você vai parar de maltratar e espancar seus servos e os camponeses que cultivam suas terras. Caso contrário, vamos colocá-lo de volta na bolsa e escondê-lo no celeiro ... e ninguém nunca mais ouvirá falar de você.’

O duque olhou pensativo para o velho, sabendo que essa era uma possibilidade real, uma vez que já havia sido enfiado na pequena bolsa.

‘Meus heróis’, disse a velha finalmente, ‘abram as fileiras e deixem o duque passar!

Os guerreiros obedeceram e o duque saiu pela porta como uma alma perseguida pelo diabo, subindo na carruagem e ordenando ao cocheiro que saísse galopando para longe da cabana.

‘Obrigada, meus doze heróis’, disse a mulher quando todo o perigo passou. ‘Vocês podem voltar para a bolsa novamente.’

E os enormes guerreiros do grou mago entraram, ninguém sabe como, na bolsa de veludo e a velha senhora então a fechou, amarrando com um laço de seda e manteve escondida sob sua anágua.

O velho deu um beijo na esposa e, depois de se desculpar por sua ingenuidade, levantou a bolsa de seda e, abrindo-a, exclamou:

‘E agora, que tal comemorar? Bolsa, dê-nos comida e bebida!’

Adaptado por Grian A. Cutanda (2020).

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

**Comentários**

Tivemos que fazer algumas mudanças na adaptação desta velha história russa para alinhá-la com os padrões estabelecidos pela Carta da Terra e a cosmovisão de sistemas complexos que defendemos.

Em primeiro lugar, mudamos a punição do duque. Isso porque, na versão de Keding (2008), que tomamos como guia, o duque é espancado muito por duas vezes pelos doze heróis; a primeira, ao chegar à cabana e a segunda ao sair. Visando cumprir o Princípio 16 da Carta, que nos exorta a ‘Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz’, transformamos a punição dos guerreiros de espancamento com porrete e chicote em confinamento temporário na bolsa de veludo, chegando sem prejuízo à mesma conclusão.

Por outro lado, na história de Keding - e presumimos no conto russo original - o papel principal é desempenhado pelo velho, enquanto sua esposa ocupa um papel secundário. Nesta versão queríamos igualar o casal e dar à esposa um pouco de destaque na segunda parte da história, simplesmente para promover a igualdade de gênero – Princípio 11 da Carta - de forma sutil.

São estas pequenas mudanças nas versões originais dos contos que permitem aos educadores ou contadores de histórias destacar os valores e a visão de mundo das histórias que oferecemos na Coleção de Histórias da Terra. Sinta-se à vontade, portanto, para variar as versões que oferecemos aqui se você sentir que ainda pode fazer mais uma reviravolta para educar efetivamente seu público com a visão de complexidade sistêmica do mundo e os princípios e valores da Carta da Terra. Lembre-se de que Claude Lévi-Strauss (1955) define 'o mito como consistindo em todas as suas versões; em outras palavras: um mito permanece o mesmo enquanto mantem sua essência "(p. 435). Em outras palavras, você não estaria traindo a suposta história tradicional "original" ou "autêntica".

**Fontes**

Keding, D. (2008). The Crane’s Purse. In Elder Tales: Stories of Wisdom and Courage from Around the World (pp. 122-127). Wesport, CT: Libraries Unlimited.

Lévi-Strauss, C. (1955). The structural study of myth. Journal of American Folklore, 68, 270, Myth: A Symposium (Oct-Dec 1955), 428-444.

Manning-Sanders, R. (1974). The Crane’s Purse. In Sir Green Hat and the Wizard. Londres: Methuen.

#### Associado ao texto da Carta da Terra

Princípio 13e: Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Preâmbulo: A Situação Global - Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Princípio 9: Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

Princípio 9c: Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir aqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

Princípio 10d: Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas consequências de suas atividades.

